

**A PESQUISA COMO EIXO NORTEADOR DO PROCESSO ENSINO-
APRENDIZAGEM: CONTRIBUIÇÕES DE ARIÈS PARA A FORMAÇÃO DE
PROFESSORES – (TRAJES INFANTIS)**

Cleicianne Barreira Araújo
Elisângela Correia Pacheco
Fernanda Alves Oliveira
Luciana Alves Vieira
Margarete Soares Bonfim
Maria do Rosário Teles de Farias
Róbia Cristina Rita da Luz Fernandes
Thuanna Carla Batista Barreto
Universidade Federal de Goiás
Comunicação Livre
Cultura e processos educacionais

Como estudantes do curso de Pedagogia da disciplina de Sociedade, Cultura e Infância, no ano de 2009, nos deparamos com a dificuldade na articulação teoria-prática diante dos diversos conceitos propostos pelas várias abordagens teóricas estudadas. Compreendemos que o sentido pedagógico da pesquisa como prática educativa situa-se na capacidade de estimular o pensamento dos sujeitos, de mantê-los em constante estado de aprender a aprender, e saber pensar para poder intervir no mundo de forma responsável. Pesquisamos, e elaboramos o conceito de infância, conforme proposto por Ariès, o que confirmou a idéia de que a criança era vista como um adulto em miniatura da Idade Média até o Século XVII. Após realização da pesquisa, leitura e sistematização do conteúdo nós elaboramos um vídeo que resume o trabalho proposto. Entendemos que a pesquisa tem um significativo papel formador, pois requer e proporciona atitudes auxiliando a autonomia intelectual dos sujeitos.

Palavras-chaves: formação de professores, práticas pedagógicas. Infância. Philippe Ariès.

História Social da Criança e da Família – O Traje das Crianças

Segundo Ariès até o século XVIII, não havia termos na língua francesa para diferenciar a infância, a adolescência e a juventude. A palavra "*enfant*" (criança) representava ambos, crianças ou rapazes. Isso pode ser explicado: não era o critério biológico que distinguia as pessoas, sendo que "*ninguém teria a idéia de limitar a infância pela 'puberdade'...*" A dependência econômica é que marcava a idéia de infância: "*Só se saía da infância ao se sair da dependência*". Nos trajes, utilizados pelas crianças na Idade Média, também não se distingue a roupa dos adultos, das vestes usadas pelas crianças dentro de um mesmo segmento social. O fator importante a se considerar era a condição social do indivíduo: servo, nobre ou religioso. Na percepção do autor, há três grandes momentos em que pode ser analisado o sentimento da infância. O primeiro deles é da antiguidade até o século XIII. O segundo é do século XIII ao século XVII. O terceiro é do século XVIII até os dias atuais.

Assim que a criança deixava os cueiros, ou seja, a faixa de tecido que era enrolada em torno de seu corpo, ela era vestida como os outros homens e mulheres, de acordo com sua condição. A idade média vestia indiferentemente todas as classes de idade, preocupando-se apenas em manterem visíveis através da roupa os degraus da

hierarquia social. Nada no traje medieval separava a criança do adulto. O traje de adultos e crianças se confunde. Inexistia razão ou sentido para a particularização do traje destinado às crianças, até por que, como já disse, o conceito de criança se baseava em um critério de dependência econômica e não em um critério biológico, baseado na idade. O tamanho era a única diferença entre os trajes de adultos e crianças.

No século XVII, a criança, ou ao menos a criança de boa família, quer fosse nobre ou burguesa, não era mais vestida como os adultos. Ela agora tinha um traje reservado a sua idade, que a distinguiu dos adultos, sempre havia duas fitas largas presas ao vestido, atrás dos ombros, pendentes nas costas.

Elas desaparecem no final do século XVIII época em que o traje das crianças se transforma, tornando-se mais leves, folgadas e confortáveis.

Portanto no século XVII e início do XVIII, essas fitas nas costas haviam-se tornado signos da infância, tanto para os meninos como para as meninas.

A adoção de um traje peculiar à infância, que se tornou geral nas classes altas a partir do século XVI, marca uma data muito importante na formação do sentimento de infância. As crianças conservaram o traje longo menos as de boa condição. No início do século XVI, esse hábito foi consagrado e tornou-se regra geral: as crianças sempre usavam o vestido comprido. Já no fim do século XVI, o costume decidiu que a criança agora reconhecida como uma entidade separada tivesse também seu traje particular.

Na origem do traje infantil havia um arcaísmo: a sobrevivência da túnica longa. Essa tendência ao arcaísmo foi substituída, no fim do século XVIII, na época de Luís XVI, que os meninos pequenos deviam ser vestidos com golas no estilo Luís XIII. O diário da infância de Luis XIII mostra a seriedade com que se começou a tratar o traje das crianças: pela roupa tornavam visíveis as etapas do crescimento que transformava a criança em homem.

Mas a partir do século XVII, duas outras tendências iriam orientar a evolução do traje infantil. A primeira acentuou o aspecto afeminado do menino pequeno (tinha uma gola de renda igual a das meninas e das senhoras) isso tornava impossível distinguir os meninos das meninas antes dos quatro ou cinco anos, o hábito de afeminar os meninos só desaparece no final da primeira guerra mundial, e seu abandono deve ser relacionado com o abandono do espartilho das mulheres: uma revolução do traje que traduz a mudança dos costumes. Embora a preocupação em distinguir a criança do adulto se tenha limitado principalmente aos meninos: as meninas só foram distinguidas pelas mangas falsas no século XVIII como se a infância separasse menos as meninas dos adultos do que os meninos.

A segunda orienta o gosto pelo disfarce que levou as crianças da classe burguesa a adotar traços dos trajes da classe popular (calças compridas) e militar (túnicas e botões do uniforme militar)

O uniforme recém criado foi rapidamente adotado pelas crianças burguesas. A adoção das calças compridas para as crianças, foi em parte uma consequência desse novo gosto pelo uniforme, que iria conquistar os adultos no século XIX. Foi inspirada também pela necessidade de liberar a criança do incômodo que lhe impunha seu traje tradicional, de lhe dar uma roupa mais desalinhada. Graças às calças compridas do povo e dos marinheiros, os meninos se libertaram tanto do vestido comprido fora de moda e demasiado infantil, como das calças justas até os joelhos.

Desta forma, partindo do século XIV, em que a criança se vestia como os adultos, chegamos ao traje especializado da infância, que hoje nos é familiar em todas as classes sociais, não apenas nas famílias burguesas ou nobres. Esses novos trajes deixam a criança bem mais à vontade, dando a ela mais liberdade para pular, brincar,

interagir com o mundo, com tudo que lhe cerca, tornando mais fácil, portanto seu desenvolvimento e aprendizagem.

Bibliografia

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.